

**Em defesa de um Ecosocialismo desde o Sul**  
**Contribuição do Coletivo Subverta ao 4o Congresso Municipal do PSOL Carioca**

O ecosocialismo tem muita convergência com as cosmovisões de diversos povos originários, principalmente a partir do Bem Viver — tradução para diversos saberes que sintetizam a harmonia entre humanos e a Natureza. Segundo essa cosmovisão, devemos superar a dualidade capitalista entre Humanidade e Natureza, já que somos parte de um todo interdependente, gravemente afetado pelos avanços produtivistas da sociedade movida pelo lucro e pela mercantilização. Um dos efeitos mais notáveis é a atual pandemia do coronavírus.

A transição ecosocialista, em busca de um horizonte de vida plena, deve estar atenta aos saberes dos povos oprimidos, e um dos caminhos para isso são as leis que reconhecem os Direitos da Natureza. Essas leis, em essência, são limitações legais à “máquina de moer gente” que é o capitalismo, como diria Ailton Krenak. Capitalismo que insiste em destruir o que for preciso com o objetivo de produzir um “desenvolvimento” já experimentado pelos povos marginalizados na periferia na forma de racismo ambiental, aumento da pobreza e catástrofes ambientais.

A emergência climática, ambiental e social bate em nossas portas. É preciso repensar a maneira como nos relacionamos com o restante do mundo. A lógica de acumulação infinita do capitalismo e a mercantilização da vida servem apenas aos interesses dos mais ricos e desloca a classe trabalhadora para locais de maior precarização, seja em relação ao próprio trabalho ou às condições de reprodução da vida. O que está em jogo é o futuro da humanidade.

A candidatura de Sônia Guajajara à copresidência do Brasil em 2018, defendida pelo Subverta, foi um grande acerto do PSOL e demonstrou o compromisso do partido com a defesa dos povos originários e de uma agenda de proteção ambiental contra o caráter destrutivo do capital. Porém, o PSOL precisa se manter aliado à luta incansável dos povos tradicionais e da Natureza como um todo, afinal, “a luta pela mãe terra é a mãe de todas as lutas”.

Precisamos de um PSOL atento aos saberes originários, que valorize a Natureza e entenda o humano como parte integrante dela. Acreditamos que a única saída está no ecosocialismo pautado pelo Sul global, a partir das mais diversas lutas pela emancipação. Precisamos de um PSOL verdadeiramente ecosocialista e a favor do Bem Viver.

## **Libertação animal e veganismo**

O termo *veganismo* foi criado no século XX como alternativa ao vegetarianismo da época, uma versão mais ética, de perspectiva não exploratória dos animais. Desde então, o veganismo se difundiu e abarcou novos conceitos, como as pautas antiexploração e antiopressão. Mais do que simplesmente uma proposta de não consumo de produtos de origem animal, o veganismo foi se tornando um campo de disputas políticas.

Um exemplo é a apropriação do veganismo por parte da elite liberal, que promete a libertação animal reduzindo o conceito apenas ao consumo de produtos sem qualquer componente de origem animal, sem questionar outras formas de exploração e opressão embutidas: como a extinção de animais devido ao extrativismo capitalista ou a vida dos seres humanos que trabalham em fazendas expostos aos agrotóxicos. Boa parte dos problemas ecológicos enfrentados hoje no Brasil são resultado da exploração desenfreada da Natureza pela agropecuária e o agronegócio, que destroem a terra por onde passam, além de criar conflitos sociais entre os povos e comunidades tradicionais locais.

A pandemia que enfrentamos ainda tem sua origem investigada. Porém, tudo indica que o novo coronavírus tenha chegado aos seres humanos através de algum animal, devido ao contato intenso entre humanos e não humanos, seja devido ao confinamento de animais para consumo, seja devido à destruição dos habitats naturais para instalação de terras de plantio de commodities. É urgente que sejamos capazes de enxergar outras perspectivas sobre como nos relacionamos com a Natureza e lutar contra todas as formas de exploração do agronegócio.

Como movimento em disputa, é imprescindível um veganismo popular, crítico e anticapitalista, que esteja em equilíbrio com a natureza e que traga em seu eixo a discussão sobre direitos e a libertação dos animais.

O veganismo pelo qual lutamos defende a emancipação dos povos e a soberania alimentar; enfrenta os grandes produtores de soja ao lado dos povos que têm suas terras espoliadas e queimadas para o plantio desta commodity; pauta a reforma agrária e uma revolução agroecológica, respeitando o direito de autodeterminação dos povos e comunidades tradicionais - a aliança com os povos originários, comunidades tradicionais e quilombolas e as religiões de matriz africana é essencial. É imprescindível um veganismo popular, anticolonial, anticapitalista, antirracista e libertário, que esteja em equilíbrio e consonância com os ciclos da natureza.

## **Educação como prática da liberdade**

Acreditamos em uma educação enquanto proposta de transformação social. Por isso, o processo pedagógico envolve mecanismos para libertar a sociedade da estrutura

opressora. Temos como referência a pedagogia freiriana, que aponta soluções para superação da sociedade capitalista, patriarcal e racista.

Pensar nesse mundo mais justo implica pautar uma educação mais democrática e humanizadora, que forme cidadãos reflexivos e transformadores, conhecedores da própria história. A educação libertadora envolve práticas revolucionárias, garantindo a importância de uma educação antirracista, anticapacitista e que priorize debates sobre igualdade de gênero. Sendo assim, o fortalecimento da educação popular nos territórios favelados e periféricos é urgente para a construção diária de metodologias e práticas que incluam diferentes corpos e mentes.

Em suma, reafirmamos o compromisso de nos contrapor radicalmente a uma educação bancária e tecnicista, que não privilegia diferentes saberes e culturas que não sejam mercantilizadas. A Educação como prática de liberdade defende a “boniteza” do ensinar e aprender, o compromisso pedagógico e um processo de ensino-aprendizagem sempre vinculado à luta política dos movimentos sociais.

### **Interseccionalidade**

Ser mulher em uma sociedade de classes, racista, lgbtfóbica e machista é uma prova de fogo diária, ainda mais em tempos de crise e aprofundamento do capitalismo. A sociedade capitalista se estabeleceu e se desenvolveu historicamente beneficiando-se do racismo, do patriarcado, da heterossexualidade normativa e cisgênera, aprofundando as opressões já existentes.

O nosso passado colonial e escravocrata aprofunda ainda mais essas tendências que são globais, fazendo com que no Brasil a violência, a exploração e o controle sexual das mulheres sejam tremendos. Em períodos de crise somos nós, mulheres, as primeiras a perder os poucos direitos conquistados com tanta luta. Perdemos também nossas vidas ou a vida de nossos filhos, no caso das mulheres negras, que estão no cerne da política genocida de "guerra às drogas". Política essa responsável pelo assassinato de 70 mil jovens negros por ano, além do aumento do encarceramento da juventude negra e da mulher negra, que cresceu nos últimos 15 anos cerca de 567%.

Não podemos deixar de mencionar os estupros corretivos em lésbicas, bissexuais e homens trans que tem o seu direito de amor e à sua identidade impedido, invisibilizado e perseguido, ou as mulheres trans e travestis agredidas, estupradas e mortas diariamente. A saúde mental de nós, mulheres, negras, lbtis, indígenas, está constantemente ameaçada, assim como nossas vidas. Além da invisibilidade das mulheres indígenas, que sofrem diversas violências simbólicas e carnais, constantemente lutando para preservar suas vidas, terras e saberes.

Diante dessa realidade, não é possível discutir a luta contra o capitalismo no Brasil sem pautar o debate contra o racismo, a orientação sexual e identidade de gênero compulsórias e etnia. Precisamos compreender como a opressão racial é dependente e atrelada às opressões de gênero, sexual e exploração econômica. Consideramos a proposta de construção de mundo que parte de princípios feministas e ecossocialistas, de uma economia voltada ao cuidado da vida, cuja participação das mulheres é central para que as ações de transformação política, social, econômica e ambiental se concretizem.

Por isso afirmamos nosso feminismo anti racista, anti lgbtfóbico, anti imperialista e ecossocialista. O feminismo que nós defendemos é inclusivo e não deixa nenhum corpo para trás.

### **Territorializar o partido: o PSOL que queremos!**

É na escala do território cotidiano que se encontra a chave capaz de nos ajudar a construir uma maioria social desde abaixo: “cotidianizar” a política e politizar o cotidiano deve ser nosso objetivo. Precisamos pensar a política desde a interseccionalidade de raça, classe, gênero, orientação sexual e território.

O futuro nos reserva cenários piores do que o atual: o desemprego tende a aumentar e o valor real dos salários a reduzir; com isso, o número de pessoas em situação de rua deve crescer, e a fome, se agravar. Com esse panorama desolador no horizonte, é importante que nosso partido defenda e impulse ações de solidariedade de classe para com as famílias em situação de vulnerabilidade socioeconômica. Afinal, se nossa única força vem da organização do povo, precisamos dele vivo para lutar.

Defendemos um PSOL amplamente democrático e militante, com núcleos, setoriais e instâncias de base orgânicos, em todos os bairros e regiões da cidade, por meio da organização popular, seja com banquinhas fixas de panfletagem e diálogo, atos de rua, formação política, agitação e propaganda etc. Que sejamos um partido ousado, perigoso aos interesses do capital, com radicalidade e independência de classe, mas sem sectarismos e que sirva de instrumento para a auto organização da classe trabalhadora e dos setores mais explorados para derrotar o Bolsonarismo e construir uma sociedade de Bem Viver.

Assinam:

Alessandra Bruno

Ana Lúcia Coradi

Bruna Souza

Bruno Araújo

Camila Martuchelli  
Carlos Alberto Costa  
Carlos Coelho  
Carolina Tostes  
Caroline Spagnolo  
Celma Mesquita  
Clara Klein  
Dandara Soares  
Daniela Pinaud  
Daniella Carvalho  
Daniely Vieira  
Daniel Nogueira Gomes  
Danilo Georges  
Diana Vidal  
Elen Giudice  
Ellen Melim  
Estefany Fernandes  
Fabiana Pereira  
Fernanda Araújo  
Fernando Britto  
Gabriela Storino  
Giulli Villa Nova  
Gregor Sales  
Helouise Costa  
Indhyanara Lopes  
Ingrid Cagy  
João Daniel  
Jonata Vale  
Jorge Santana  
Julia Noronha  
Júlio Holanda  
Karla Oliveira  
Karine Souza  
Laura Pires  
Letícia Duarte  
Louise Marien  
Luana Mayer

Luana Pereira  
Luis Eduardo Paes  
Luisa Paula Galdino  
Manoel Duarte D'Oliveira  
Manuela Green  
Marcella Roque  
Marcelo Ramos  
Marcos Porto  
Mariana Frucht  
Mariana Reis  
Mayara Horta  
Mayra Chequer  
Michel Furtado  
Natália Pires  
Nicolas Willy  
Nathan Paes  
Nina Teruz  
Patrícia Maciel  
Pedro Mara  
Pedro Oliveira  
Rafael Pollo  
Raísa Ketzer  
Rebeca Bolite -  
Renan Sá  
Roberta Fittipaldi  
Robson Wellington  
Sofia Avelar  
Vinícius Codeço  
Vitória Rosa  
Yan Damasceno